

CARTAS DE UM PROFESSOR EM GREVE

Marcelo Antunes

CARTA 1

MANIFESTO GREVE - BUMBA-BOI

(pra ser lido ao som de “Boi da tarja preta” de Celso Borges e Alê Muniz)



“turista de pacote clica a tanga da brincante do bozinho de butique”

De que trata o pavor de alguém que se depara, no domingo com ensaios de grupos folclóricos dirigidos, programados, ao que o poeta Celso Borges, no seu livro o “O futuro tem coração antigo” chama de “turista de pacote”? De que trata o pavor de quem se pega a assistir esses grupos sem nenhum compromisso com a verdade, tampouco com a beleza que emerge da profundidade originária do que chamamos, quase sempre sem saber de que falamos, de

CULTURA, a reunir um imenso número de espectadores em rosa cola-jesus, enquanto, a poucos metros de distância se apresenta o bumba-meu-boi de Ribamar, a um ínfimo público?

Em nosso caso, amar a cultura implica, quase sempre, em saber que ela corre perigo.

A tênue linha em que se inscreve esse pavor encontra-se diretamente ligada à também tênue verdade em que se sustenta a universidade pública. Passados pandemia e governo tresloucado veio-nos o esvaziamento... A maior universidade do nosso país (USP) alugando prédios à escolas da iniciativa privada, a gritante defasagem salarial e perda de verbas, o deserto em que caíram nossos campi...nos trazem pesado odor de escombros e medo de que algo pior ainda esteja a caminho. Do centro desse pavor dirijo-me à elite de comando político desse país. Vós a quem cabe o comando, PENSAI! Como os bois de Ribamar, Maracanã etc... têm que explicar aos “amantes da cultura” da importância deles transporem as distâncias físicas e espirituais que os mantem separados de suas próprias origens, portando de si mesmos, e os atraírem ao encontro de sua verdade histórica, estética, étnica e ética, também nós, da universidade pública passamos a ter que provar que diferença faremos ao aluno que, em vez de conquistar facilmente o diploma, sem sair de casa, por correspondência (remoto, on line, ou qualquer desses neologismos cheios de prepotência e vazio), ou ainda a uma universidade próxima, no quintal, de quintal, teria que se deslocar, tomando às vezes três conduções até o nosso campus.

Provavelmente não o conseguiremos de imediato. Se for difícil provar a eles, parceiros e objeto do processo educativo, tarefa de nossa vida inteira, não menos penoso, o que tentamos agora com essa greve e outras ações é provar às elites governamentais o que está em jogo ao defendermos a universidade pública.

CACO GALHARDO

Bicudinho



Talvez esta dificuldade seja atenuada, se considerarmos a profundidade da ação educativa em que consiste nossa lida diária, é lá que costumemente tentamos tocar o coração dos que amam a cultura de pacote, na busca de propormos ali uma reflexão sobre a diferença entre as raízes e a superficialidade comercial – a questão mais fundamental, do que chamamos, também na maioria das vezes sem saber o que falamos de EDUCAÇÃO.

Talvez, entretanto, encontremos um viés de comunicação com o governo do nosso antigo chapa, Lula, que no processo de instauração do seu novo governo contou com a magistral retórica argumentativa de um dos seus principais advogados: Flávio Dino. O show retórico que acabamos de assistir ali, em defesa dos fundamentos do estado democrático nos vem a calhar para compreendermos o que significa defender a universidade pública, bem como a cultura originária. O lugar onde o arauto do governo Lula tocou e fez o país pensar é algo que trata dessa formação de sua alma, da formação de seu gosto, de seu senso estético, de sua ligação com suas origens, com suas raíãpzes, este é o fundamento da noção de formação, tal como está nos fundamentos do que somos, em Platão, em sua “A República” formação de um coração, formação de um desejo, formação de um sonho, formação de um gozo, formação de uma verdade... o nome disso...? – educação - é frágil como um bumba-boi.

Não temos nem nunca tivemos moeda de troca no mercado, não produzimos petróleo nem soja em nossas salas de aula. A universidade, que os formou a quase todos do governo, pode estar, como descreveu João Mohana sobre o fim da escola de música do Maranhão, na década de 1930, em que lhe viu “ a morte vindo a galope montada no tempo seu cavalo feroso.” Porque não há mais tempo, é que vos exortamos, senhores do Brasil! A universidade pública pode ficar fechada ela pode encerrar seus expedientes por causa das “universidades” de bairro das “universidades” online. Os fakes de universidade é que vão bombar daqui para frente.

Pensai senhores!

